

Um judicioso alvitre para se prestar solidariedade material aos deportados

Camarada redactor de "A Batalha": Eu não sei que mais o governo deseja que se faça a fim de que ele mande cumprir o que a Constituição estatui, com referência aos deportados em África sem julgamento e aos presos há mais de 8 dias sem culpa formal.

A organização operária de quase todo o país tem manifestado, de forma bastante clara, o seu protesto veemente contra tais monstruosidades—e não tem conseguido que a ouçam.

Há entidades abstractas em política que também têm deputado favoravelmente em proveito das dezenas de infelizes que esperam a morte em África e dos que se definham nas prisões—e nada.

Os políticos de ideias liberais e alguns homens de leis também, espontaneamente, têm prestado o seu concurso ao proletariado consciente que há longos meses vem reclamando que justiça seja feita aos seus irmãos, vítimas da ferocidade dos agentes da Companhia de Jesus instalados ali na Parreirainha—e também não têm sido atendidos.

Os rogos e as lágrimas das famílias dos condenados e dos que jazem nos calabouços infectos também não têm comovido os homens (?) de governança.

Pelo exposto pode depreender-se que ao chamado poder constituinte nenhum conceito lhe merecem as entidades que até ele têm feito chegar o seu protesto ordeiro, o seu desgosto de democratas e a sua dor de mães e filhos, só fazendo pelo que uma meia dúzia de malvados sem consciência lhe dizem—ou impõem, que é o mais certo.

O actual presidente do ministério já confessou, com vontade ou sem ela, que as deportações e as prisões de indivíduos, sem culpa formada, há mais de 8 dias, são inconstitucionais. Porém, a-pesar-disso, não cumpriu ainda o seu dever. Porque?

Porque os monárquicos do seu partido não lhe dão licença, com receio da vingança das suas vítimas, e porque os agentes da reação aquartelados no Governo Civil não lho consentem, visto ser preciso, segundo o seu maquiavélico plano, pôr fora de acção todo aquele que os contrarie nos seus inquisitoriais projectos—a aparição dum permanente desordem a fim de que possam claramente tomar conta do poder, como já tentaram em 18 de Abril e 19 de Julho.

Eu estou convencido de que o povo trabalhador fará sempre frustrar os desejos de todos esses jesuítas encasados e fardados, mas, entretanto, constata-se com mágoa que as pobres vítimas desses ferozes representantes de Loiola continuam indefinidamente sofrendo os horrores do clima africano, uns, e dos calabouços da metrópole, outros, não metendo em conta aqueles que miseravelmente têm sido abatidos pelos esbirros do jesuitismo.

Pois bem. Os nossos protestos e as nossas reclamações não podem afrouxar, mas é preciso fazer mais. A nossa solidariedade moral não é tudo. É precisa a nossa solidariedade material, embora ela não faça de desaparecer as vicissitudes que passam os desfios deportados e os presos e bem assim suas pobres famílias.

Pelo cofre de solidariedade do Conselho J. da C. G. T. têm sido distribuídos subsídios aos operários sindicados, mas eu entendo que, por um dever de humanidade, também se deviam beneficiar aqueles que, embora acusados de delito comum, mas não provado ainda, se encontram também deportados e presos sem culpa formada.

Por isso alvitava que fosse aberta uma subscrição nacional da seguinte forma:

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados punha à disposição de todos os organismos operários do país o presente alvitre e os que com él concordassem mandavam pôr à referida comissão, por intermédio das Unões locais, as listas de que necessitassem. Os sindicatos, por sua vez, distribuiriam por todas as oficinas, ateliers ou fábricas tantas listas quantas julgassem necessárias, encarregando um camarada de fazer a respectiva queite.

O dinheiro recebido seria entregue nos sindicatos para, por intermédio das Unões, ser enviado à referida comissão.

Quanto à quantia com que se deve subcrever e o dia em que se devem efectuar as quotas lembrava um mínimo de 1900 ou \$50 e o dia 31 do corrente, se fosse possível.

Na "Batalha" seria dada nota apenas do número dos subscriptores, suas quantias em total e nome dos sindicatos, poupanço-se assim muito espaço.

Lisboa, 13-10-925.

M. COSTA
Operário sindicado

ACABA DE SAIR

Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escrito e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1800.

Pedidos à administração de "A Batalha".

A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arckino. Preço \$50.

trampolíneiro. Mas preventivos te com antecipação; outros virão falar-te desse modo, outros virão pedir-te o teu voto para irem, se os teus votos lá os alçarem, para o parlamento discutir com burgueses, com a certeza de não serem presos nem incomodados pela polícia—as imunidades parlamentares protegem-nos contra essas violências—discretar com burgueses e receber, em troca, duma instituição burguesa um ordenado mensal bastante superior ao que fu auferes nas fábricas, nas oficinas e nas minas onde és explorado.

Estamos certos que saberás repetir essa comédia e esses comediantes. Se elos deixarem de ser operários para se tornarem deputados não serão, estamos disso convencidos, os teus votos que irão colocá-los ao nível dos que em S. Bento zombam da tua miséria e da tua dignidade.

Novo conflito na Escola Comercial de Ferreira Borges

Ao iniciar-se o ano lectivo anterior, os alunos da Escola Comercial de Ferreira Borges fizeram uma parada por motivo da nomeação dum professor, a qual originou também o pedido de demissão do professor efectivo da cadeira de Arithmetica Comercial e do Director da Escola, o sr. Clemente Bueno e Martins.

Em Dezembro último o governo transferiu o professor que tinha dado ocasião ao conflito e reintegrava na Direcção da Escola o senhor Bueno e Martins, não o nomeando entanto professor de Arithmetica.

A Associação Académica dos Alunos, querendo festejar a reintegração do director organizou uma festa que se realizou em 18 de Janeiro do corrente ano fazendo parte do programa uma sessão solene que foi presidida pelo presidente do ministério, tendo assistido além do ministro do Comércio uma grande maioria dos directores e professores das Escolas Técnicas da Capital.

Entre os oradores falou em nome da Academia o estudante Lopes da Costa, que solicitou do citado ministro do Comércio a reintegração do sr. Bueno e Martins no lugar de professor da cadeira de Arithmetica Comercial. Ao usar da palavra o sr. ministro do Comércio, engenheiro Plínio Silva, declarou desconhecer que o sr. Bueno e Martins não tivesse sido reintegrado em todos os lugares que ocupava na Escola, mas que se tinha informado naquela ocasião pelo director geral, sr. Alvaro Coelho, que se encontrava à direita do ministro e que imediatamente ia satisfazer o pedido da Academia porque para isso bastaria «umas simples formalidades burocráticas».

Os alunos aguardavam a realização do prometimento mas leram nos jornais de 29 do mês findo, que ia ser nomeado o professor sr. António Maria Carreira, para a referida cadeira. Procuraram saber oficialmente se teria algum viso de verdade tal notícia, e com admiração sua lhes foi declarado que o actual ministro do Comércio já tinha nomeado.

A comissão dos alunos que havia tratado do conflito referido, reuniu imediatamente tomando resoluções acerca da nomeação.

Avistaram-se esses alunos com o professor sr. António Maria Carreira, a quem declararam não ser por menos considerável pessoal ou profissional que protestariam contra a irrealização das promessas feitas por um ministro do Comércio, e solicitarão há 15 dias uma audiência ao ministro do Comércio de quem aguardam resposta.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extrações sem dôr a 1500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 2000. Dentaduras completas sem placa em "cauchis". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Uma regalia readquirida pelos Ferroviários do Sul e Sueste

O ministro do Comércio acaba de resolver favoravelmente a reclamação apresentada pelo Sindicato dos Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sobre a concessão do bilhete de identidade que serve de passaporte nas linhas férreas do Estado, ao pessoal eventual com mais de 3 anos de serviço, regalia esta que havia sido cedida pela Direcção daquela rede ferroviária.

A comissão de "démarches" do Sindicato viu assim coroado de êxito os esforços que de há muito vem empregando no sentido de beneficiarem desta regalia um número de trabalhadores não inferior a 2500, que, por uma má vontade não beneficiavam do que, afinal é uma disposição legal.

Prêso que adoece

Na enfermaria n.º 9 do Hospital de São José, onde ficou sob prisão, deu entrada ontem Carlos Cruz, de 43 anos, natural de Pederneira (Leiria) electricista, morador na ruia da Rosa, 65, 2.º que adoecem subitamente nos calabouços do Governo Civil, onde se encontrava recluso.

Agradecemos as três senhas enviadas.

A Moagem do Beato

é uma roga onde a usura tripudia sobre a inconsciência dos escravos

Na Fábrica de Moagem do Beato estão ocorrendo factos que revelam bem o quanto pode a malabarice patronal, ajudada pela venalidade dos seus lacaios e pela inconsciência dos seus serventuários.

Há algum tempo que nessa fábrica o pessoal fazia horas suplementares pagas a dobrar, segundo o que a lei estipula. Por vezes o professor que tinha dado ocasião ao conflito e reintegrava na Direcção da Escola o senhor Bueno e Martins, não o nomeando entanto professor de Arithmetica.

A Associação Académica dos Alunos, querendo festejar a reintegração do director organizou uma festa que se realizou em 18 de Janeiro do corrente ano fazendo parte do programa uma sessão solene que foi presidida pelo presidente do ministério, tendo assistido além do ministro do Comércio uma grande maioria dos directores e professores das Escolas Técnicas da Capital.

Entre os oradores falou em nome da Academia o estudante Lopes da Costa, que solicitou do citado ministro do Comércio a reintegração do sr. Bueno e Martins no lugar de professor da cadeira de Arithmetica Comercial. Ao usar da palavra o sr. ministro do Comércio, engenheiro Plínio Silva, declarou desconhecer que o sr. Bueno e Martins não tivesse sido reintegrado em todos os lugares que ocupava na Escola, mas que se tinha informado naquela ocasião pelo director geral, sr. Alvaro Coelho, que se encontrava à direita do ministro e que imediatamente ia satisfazer o pedido da Academia porque para isso bastaria «umas simples formalidades burocráticas».

Os alunos aguardavam a realização do prometimento mas leram nos jornais de 29 do mês findo, que ia ser nomeado o professor sr. António Maria Carreira, para a referida cadeira. Procuraram saber oficialmente se teria algum viso de verdade tal notícia, e com admiração sua lhes foi declarado que o actual ministro do Comércio já tinha nomeado.

A comissão dos alunos que havia tratado do conflito referido, reuniu imediatamente tomando resoluções acerca da nomeação.

Avistaram-se esses alunos com o professor sr. António Maria Carreira, a quem declararam não ser por menos considerável pessoal ou profissional que protestariam contra a irrealização das promessas feitas por um ministro do Comércio, e solicitarão há 15 dias uma audiência ao ministro do Comércio de quem aguardam resposta.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Centro Republicano Radical 19 de Outubro.—Comemorando o 4.º aniversário da sua fundação, realiza-se no próximo sábado, 17, pelas 21 horas, na Academia Recreativa de Lisboa, rua do Socorro, 11, C., 10, uma grandiosa récita, na qual toma parte o aplaudido Grupo Dramático da Academia, subindo à cena o emocionante drama em 3 actos, "João Darlot".

A comissão administrativa convida todos os radicais a assistir a esta festa, para a qual se encontram à venda os respectivos bilhetes na sede do Centro, rua do Socorro, 11-C., 2.º, todos os dias das 10 às 24.

Associação Popular de Beneficiência de São Cristóvão e São Lourenço.—Esta associação com sede na escola n.º 10, Costa do Castelo, 23, inaugura na segunda-feira, 19, a sua cantina escolar. Todas as noites, das 20 às 22 horas, recebem requerimentos para a admissão de crianças necessitadas.

Grupo Os 15 amigos.—Resolveu este grupo de beneficência e excursionismo distribuir um bolo a 200 pobres no dia 18, pelas 10 horas, seguido dum lanche solene e um jantar de confraternização fora de Lisboa.

Agradecemos as três senhas enviadas.

INTERESSES DE CLASSE

Os compositores tipográficos e as greves gerais

Conforme o resolvido na última reunião de delegados dos quadros dos jornais de Lisboa, efectua-se no proximo domingo, 18, pelas 14 horas, a assemblea geral desta classe para tratar de um assunto que, pela sua razão de ser, interessa não só à classe que a convoca, como a todos os trabalhadores do Livro e do Jornal, e por isso algo me oferece dizer.

Após a última greve geral em que alguns quadros não quiseram dar a sua adesão, novos sócios apresentaram uma proposta não só para tratar de "greves gerais e anomalias inerentes" como de outros assuntos. Depois de várias reuniões onde foi estudado o assunto—tendo sido previamente consultados os quadros—resolveram a comissão apresentar uma nova proposta onde julgam que com a sua aprovação desaparecerá todo o mal que tem advido das greves gerais.

Poucos são os que ignoram o papel de importância que representam os jornais de grande informação numa paralisação de trabalho.

Os governos servem-se deles para a publicação das insidiosas notícias com que atacam os movimentos grevísticos e os espíritos mais fracos e mais conservadores servem-se, também, dessas notícias para os atrair e manipular. Portanto, urge que se tomassem energicas resoluções atinentes a que tal facto se não verificasse.

Mas a proposta que a comissão apresenta, porventura, acabará com esse mal? Desaparecerão as anomalias, com aquela simples resposta?

A classe o dirá, e dirá compreendendo na sua máxima totalidade, para que amanhã, quando se declare qualquer movimento de protesto ou revolucionário, não tenha hesitações e saiba qual o caminho a seguir. Julgo que por um lapso não foram enviadas a todos os sócios cópias da proposta apresentada pela comissão, mas como está patente, todos os dias das 19 às 20 na sua sede a documentação referente a todo esse trabalho, aqueles que queiram tomar parte na discussão, podem consultá-la para a mesma decorrer serena e com aquele espírito elevado e consciente com que são dotados os componentes desta classe.

Virgílio Moura Santos
Tipógrafo sindicado

Em Aldegallega

Ante os olhares impávidos do delegado do governo, balanças sem fundo e pesos sem chumbo

ALDEGALEGA, 14.—Continuam a correr à matroca todos os assuntos de interesse público. Em matéria de exploração cada um faz o que quer, sem respeito às leis e sem haver quem as faça respeitar. Por vezes temos a impressão de que Aldegallega faz parte dumha possessão africana do interior onde não chegaram visões de civilização, tal o desrespeito que observamos pela saúde direitos dos indígenas da terra.

Calcule-se que por aqui quasi se não usa o sistema métrico decimal, ou se usa mistificá-lo, achincalhá-lo. Há por exemplo uma casa de venda de peixe que usa duma balança com um prato sem fundo e de uma outra sem fiel. O peso do peixe é feito a ônibus e a balaço do vendedor.

Nas padarias outro tanto sucede. Há dias foi descoberto que um padre, da padaria "Flor da Beira", trazia no cabaz, para pesar o pão aos fregueses, um peso de quilo com 930 gramas e um outro de meio quilo com 450 gramas, os quais, verificados, se viu que não tinham chumbo; isto como se não bastasse o continuar-se a vender pão de 300 gramas a 1500, o que é uma perfeita roubaheira, quando afinal a farinha tipo unico sai no cais da estação a 2510, dando margem a poder fornecer para consumo público pão bom a menos de 2300.

Quando se dispõe esta gente a não deixar que a roubaheira, vendendo-lhe peixe por em balanças sem fundo e sem fiel e pãesinhos à razão de 3\$00 e tal cada quilo e peso por pesos roubados?

E para que serve o sr. delegado do governo?

Aldegallega continua a correr à matroca todos os assuntos de interesse público.

Devolvemos a Moagem do Beato

ALDEGALEGA, 14.—Continuam a correr à matroca todos os assuntos de interesse público.

Devolvemos a Moagem do Beato

ALDEGALEGA, 14.—Continuando a correr à matroca todos os assuntos de interesse público.

Devolvemos a Moagem do Beato

ALDEGALEGA, 14.—Continuando a correr à matroca todos os assuntos de interesse público.

Devolvemos a Moagem do Beato

ALDE

Numa sessão de propaganda eleitoral em Évora, os candidatos nacionalistas são vaiados pela multidão

EVORA, 11.—Chegaram a esta cidade, no combóio da tarde de ontem, os membros do Partido Nacionalista, que foram realizar duas sessões de propaganda eleitoral, em Arraiolos e em Azaruna.

No dia seguinte efectuou-se, no teatro Garcia de Resende, a sessão de propaganda à qual assistiram algumas centenas de pessoas.

As entradas no teatro só eram consentidas mediante a apresentação de um cartão—convite o que deu lugar a que muita gente se indignasse, conseguindo depois entrar na plateia.

Os primeiros gritos de *abaixo a pena de morte, foras e morra* ecoaram por todo o esplendoroso teatro, após a afirmação de um orador, de que os operários eram exploradores dos patrões, quando não cumpriam o seu dever, como se o seu dever não fosse cumprido com um horário de 8 horas e um salário tão insignificante que mal chega para comer. O orador apresentou os confrades e ao pronunciar o nome de Cunha Leal a indignação foi ainda maior.

Os partidários de Cunha Leal aplaudiam, mas os gritos de hostilidade reboaram ainda com maior incremento.

Depois de constituida a mesa falaram em primeiro lugar o dr. Pedro Pita, sendo por várias vezes interrompido pela indignação dos que não podem tolerar semelhante afronta—a pena de morte.

Seguiu-se-lhe Cunha Leal, e nessa altura a manifestação de desagrado foi muito maior. Pretendeu explicar a razão porque era partidário da pena de morte, e ao pronunciar semelhantes palavras que traduzem bem o seu ódio e as suas baixas qualidades de ditador, por todo o teatro ecoou o grito unísono dos que não podem conceber semelhante monstruosidade.

Usaram ainda da palavra Vasconcelos e Sá e Ginestal Machado, sendo os oradores, todos, constantemente interrompidos pela assistência.

Todos os oradores se referiram aos insultos que recebiam e que reputaram indignos, mas as suas maneiras correctas—que dizem possuir—desapareceram e nós concluímos que os insultados foram mais insultados que os insultantes.

Acabaram por responder aos gritos de *abaixo a pena de morte*, com insultos pouco própios de quem se intitula correcto e educado.

Finda a sessão todos se dirigiram para a Escola Normal de Évora onde os esperava um lento banquete, a que se prestavam as salas da mesma escola onde ainda há bem poucos dias se havia realizado um a que assistiu o dr. José Domingues dos Santos.

As imediações do teatro eram patrulhadas por guarda a pé e a cavalo, vendo-se a tódas as esquinas patrulhas armadas de cabarina.—C.

Respondo a verdade

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Sr. redactor.—Tendo a U.I. E. realizado na Associação dos Comerciantes do Porto uma sessão de propaganda eleitoral, o sr. Carlos de Oliveira no seu harmonioso discurso falou à verdadeira na parte referente à suspensão do *O Século*, de que é delegado, por motivo do movimento revolucionário de 18 de Abril. Disse ele que os empregados do jornal, quando solicitavam do ministro do Interior provisões contra sua não publicação, a qual acarretaria ficarem sem colocação, aquele incitaria a atrair a empresa, porque ele, ministro, os assistiu.

O sr. Carlos de Oliveira ludibriou os seus ouvintes, porque o que disse à comissão do pessoal, no ministério do Interior, o secretário, foi que iria tratar o mais depressa possível para que a suspensão do jornal se não prolongasse, porque quem sofria eram os empregados e não a empresa.

Declarou ainda o referido senhor que se honrava de trabalhar junto dum pessoal assim. Deve-se honrar é de ter tirado uma das melhores regalias que aquele pessoal ali usofaria há bastantes anos, o subsídio na doença, para o qual contribuíram e continuam contribuindo. Assim e que está certo.

Um explorador.

Mestre João e os seus homens derrubam as estacas às machadadas, abre-se brecha, a onda das assaltantes faz irrupção por esta abertura como uma torrente pela porta de um dique que se abre repentinamente; um combate furioso se trava corpo a corpo com os ingleses.

— Para a frente! — exclama Joana, conservando a espada na bainha e agitando sómente a bandeira; — o céo protege-nos!... para a frente!

— Vamos a ver se o céu te protege, feiticeira danada! exclama um chefe inglês, e dizendo isto, descarga uma fúria cutilada na cabeça da Donzela; porém o capacete a preserva; ela recebe ao mesmo tempo um tremendo golpe de massa de armas que lhe amola a armadura no ombro direito. Um momento aturdida por estes rudes golpes, ela cambaleia, mestre João susenta-a, e dois dos seus artilheiros a cobrem com os corpos; porém, passados poucos momentos recuperam os sentidos, levantam-se e precipitam-se furiosa no sião mais renhido da acção. O arrôjo dos milicianos é irresistível, o baluarte acha-se juncado de cadáveres de ambos os partidos; os ingleses, rachaçados, cedem, novamente ao terror supersticioso que lhes inspira a Donzela, entrincheiram-se nas numerosas edificações de madeira que servem de caserna a guarnição da basílica e de alojamento aos capitães. A luta continua encarniça sem dó nem compaixão, através de uma espécie de ruas que separam aquelas vastas construções de madeira; todas as habitações dos chefes, todas as casernas, são convertidas em outros tantos redutos que é forçoso tomar. Os franceses inflamados pela presença da Donzela, atacam-nos e tomam nos de assalto; os ingleses que sobrevivem a fúria deste primeiramente atacam o terreno palmo a palmo, conseguem retirar-se em boa ordem para a igreja que coroa o reduto, igreja de espessas muralhas guarnecidas de uma alta torre. Entrincheirados neste forte do qual trancam interiormente a porto, os seus arqueiros, abrigados pelas paredes do edifício, apontam através de estreitas

'A Batalha' na província e arredores

Coimbra

O aniversário da República

COIMBRA, 12.—Passou completamente despercebido, nesta cidade, o aniversário da implantação da República.

A convite do governador civil, realizou-se nesse dia uma romagem ao túmulo de José Falcão, precursor do actual regime.

Se não fôr a comparação ao elemento militar, que se representou largamente nem sequer se tinha dado por tal manifestação, que atravessou as ruas da cidade no meio do maior indiferentismo. Até a própria natureza contribuiu para o fracasso da manifestação, pois esta foi dispersada por uma chuva torrencial, que se prolongou por toda a tarde, acompanhada de trovada retumbante.

A noite, uma filarmónica lembrou-se de atravessar a cidade ao som de «A Portuguesa», para arranjar, talvez, número para uma manifestação... Tal não conseguiram, se é que era o seu intento, pois que *tirante* um elevado número de gaitos, era o *fugagá* acompanhado por uma escassa dúzia de *patriotas*.

Tais são as notas impaiscias que fixámos das comemorações do 15.º aniversário do advento deste regime de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*...

Um escândalo na casa do «Senhor»

Reina grande consternação no seio dos nossos conspicuos católicos, em virtude de um grosso escândalo, cujo relato anda na boca do povo incrédulo, de mistura com risinhos irônicos.

Foi o caso de na igreja de São Salvador ter sido surpreendido um padre numa posição muito pouco seráfica, junto de uma viajinha, assídua frequentadora de igrejas.

Claro, que pouco nos preocupa o facto do padre escolher a casa do *Senhor* para a prática das suas necessidades fisiológicas.

Isto é lá com os católicos...

O que queremos frisar é o caso dos santos homens andarem sempre a pregar castidade... talvez com receio de que as mulheres não cheguem para elas!..

Não queremos, contudo, perder a oportunidade para aconselhar os filhos duma

Associação Católica Operária (?), que p'ra si se fundou, a que levam para lá as suas esposas e filhas, porque *altos ensinamentos morais* de aféis adiârão...

... e segue com padres

Iá que falamos de padres, contam-nos um caso ocorrido na povoação de Bordalo, da freguesia de Santa Clara, que bem revela a intolerância dum tonsurado, a par com a ignorância e passividade do povo daquela aldeia.

Tendo falecido numa mesma casa duas pessoas—pai e filho recém-nascido—foi avisado o prior da freguesia para ir prestar os serviços religiosos nos funerais dos falecidos.

Qual não foi, porém, o espanto dos indivíduos que estavam para acompanhar os cadáveres, quando o padre se recusou a deixar incorporar o féretro do recém-nascido, alegando que o inocente não era *alma cristã*, devido não ter sido baptizado!

Os assistentes, irritados com a jesuítica atitude do padre, impuseram-se, obrigando-o a acompanhar os funerais. O padre sentindo-se humilhado com a imposição do povo, começou a andar descompassadamente, o que produziu novo conflito, pois que impedia, assim, que as crianças que conduziam o caixão do pequenino, acompanhavam sem o passo do bruto.

Sem querermos fazer mais comentários, lamentamos que a cegueira do povo o leve ainda a sujeitar-se as exigências destes marranos, que andam sempre com Deus nos lábios, mas ocultam a peçonha nos dentes.

O povo daquele logar o que deve é depreender, de futuro, os serviços dos padres, com o que só tem a lucrar.

Sabemos de antemão que estas palavras não serão ouvidas, pois, infelizmente, a religião tem as suas raízes bem fundamentalmente arraigadas no povo ignaro das aldeias.—C.

Evora Mercados

EVORA, 12.—Hoje realizou-se nesta cidade a feira anual de São Cipriano, havendo enorme concorrência de gados. Os preços foram baixos mas no que diz respeito a carne de porco e a pesar-de que já baixou consideravelmente, a linguiça, o chourico, o toucinho e outras carnes continuam a vender-se por preços exorbitantes.

Efectuaram-se poucas transacções.—C.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,46
T.	6	13	20	27	Desaparece às 17,59
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	8	15	22	29	L.C. dia 28 a 5,23
S.	9	16	23	30	Q.M. dia 29 a 18,34
S.	10	17	24	31	L.N. dia 29 a 18,38

MARES DE HOJE

Praiamar às	1,28	e às	1,46
Baixamar às	0,58	e às	7,16

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
" Madrid cheque.	2884	
" Paris, cheque...	998	
" Suíça, ...	3881	
" Bruxelas cheque	90	
" New-York, "	1975	
" Amsterdão "	7593	
" Itália, cheque...	79	
" Brasil, "	2995	
" Praga, "	550	
" Suécia, cheque	5830	
" Áustria, cheque	2880	
" Berlim,	4870	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Volteema—A's 21,30—O Leão de Estrelas.
Rio Teatro—A's 21,15—O Saltimbanco.
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.
A's 14,30—Matiné.
Soldo Soj—Animatógrafo e Variedades.
Juvenil—A's 21,30—«Irmãs» e «A Cidadela».
Gil Vicente (à Graça)—A's 20—Animatógrafo.
Era Linda (à Graça)—A's 20—Animatógrafo.
Concertos e divertimentos.

CINEMAS
Olimpia—Chão Terrasse—Salão Central—Cinema Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chantecler—Tivoli—Tortoise

FÁBRICA
deadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

CONSELHO TÉCNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construções de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de tódas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade

Escriptório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando

Narciso—A's 4 horas.

Cirurgia—Operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Febre e sifílis—Dr. Correia Figueiredo—11 horas.

Doenças nervosas, electroterapia

A BATALHA

Todos os operários se devem preparar para resistir à pretendida baixa de salários

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Uma importante sessão dos textéis da Covilhã

COVILHÃ, 10.—Derivado aos industriais de lanifícios pretendem impor ditatorialmente uma baixa de salários ao operariado da mesma indústria, a Associação da Classe dos Operários da Indústria Têxtil, convocou na próxima passada quinta-feira uma assembleia extraordinária, para se deliberar sobre as resoluções a adoptar em face desta revoltante imposição patronal.

Muito antes da hora marcada para o inicio dos trabalhos, já o vasto salão e corredores da Casa do Povo se encontravam repletos de operários que aguardavam ansiosamente o princípio da sessão. Eram 20 horas, quando foi aberta, presidindo José Macedo, secretariado por António Quintela e Francisco Seca. O presidente, depois de demonstrar claramente que o assunto de que se vai tratar é de muita importância, roga à assistência que preste ao caso a máxima atenção, para que das decisões tomadas brote algo de proveitos para o operariado têxtil.

Concede em seguida a palavra a José Carrilho Júnior, presidente do Sindicato, que começa por citar alguns factos sucedidos dentro de várias oficinas e que bastante contribuem para o não cumprimento da actual tabelia de preços da mão de obra. Severamente, em palavras repassadas de revolta e de censura, incrépua os industriais que neste momento, em que o operariado vê os seus miseráveis tugúrios iluminados pela luz fúnebre da fome, têm ainda a pertulante e ignominiosa pretensão de lhes reduzir os minguados salários que auferem.

Criticá também com asperza a atitude lamentável de alguns operários que, ou por ganância ou por estupidez, estão aceitando o que os patrões desejam, prejudicando não só a si como também os próprios companheiros de trabalho.

Fala depois António Lopes Jorge, que com dados dum precisão admirável, demonstra a arbitrariedade que constitui a baixa de salários, e a falta de senso que preside à ideia dos operários aquiescerem aos desejos da classe patronal.

É tom de energia indomável o orador diz:

—Estão neste momento reunidos os industriais na sua associação, para estudarem a forma mais prática de imporem a redução dos salários; urge portanto que marquemos a nossa posição.

—Estará a classe disposta a acatar as re

soluções dos senhores industriais?... A enorme assistência, num brado energético, responde negativamente, demonstrando estar disposta a ir até onde as circunstâncias o permitirem, em prol do pão dos seus filhos.

O orador visivelmente comovido, afirma sentir-se satisfeito com a resposta dada, estando convencido de que jamais os industriais conseguirão os seus fins.

Informa, como membro da comissão nomeada na última assembleia para estudar o assunto em debate, que esta tinha resolvido editar um manifesto ao público, todavia, como os industriais se encontravam reunidos deliberando o resultado da sua reunião para depois proceder.

E' dada a palavra a Francisco Alves da Costa, que em frases entusiásticas diz encontrar-se intimamente cheio de satisfação por ver a forma brilhante como a classe ocorreu em massa à chamada do seu sindicato e ainda por constatar a maneira digna como ela se tem manifestado contra o ma-

nejo dos patrões.

Estão agora em jôgo, diz o orador, as tristes migalhas com que o operariado têxtil tem iludido a fome e a miséria; é necessário que nos unamos para impor uma forte e tenaz resistência às torpes pretensões do industrialismo...».

Alonga-se em mais considerações sobre o momento angustioso que a classe atravessa, terminando com um abaixo a redução de salários, que é deliberamente secundado pela assistência.

Após mais algumas inteligentes considerações de José Carrilho e António Lopes Jorge, foi encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo.—C.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Previne-se todos os associados que se encontram inscritos para efeito de colocação que devem comparecer hoje, pelas 12 horas, na sede do Sindicato, a uma chama da que se vai proceder.

Os que faltarem serão riscados das respectivas listas.

Operários do Mobilário

E' hoje, pelas 21 horas, que se realiza a grande sessão magna, na sede do Sindicato U. do Mobiliário para apreciar a pretensão do industrialismo em executar uma ainda inexplicável baixa de salários.

Para esta sessão foi distribuído o seguinte manifesto:

—Pretende o capitalismo condiz-nos à mais infima das situações, e da nossa derrota servir-se como troféu para levar a desolação a outras classes, a fome e a miséria a outros lares.

Forjaram a crise de trabalho com que nos torturam e, supondo-nos excessivamente cobardes, buscam agora ameaçar-nos e tornar-nos impossível a vida, baixando os já minguados salários.

O argumento de que a vida baixou de custo, vós bem o sabéis e os sentis que é falso!

A indústria suporta bem os actuais salários; o que não suporta—nem nós—é a ganância dos exploradores! Urge que nos defendamos contra a ameaça de baixa de salários, que neste momento representaria a desolação e o esfaimamento dos nossos lares.

Uma classe que no passado soube lutar para viver, não pode trair esse passado deixando-se morrer de inanição. Pretende-se abusar do vosso alheamento do Sindicato. Pois bem, o Sindicato chama-vos.

Quinta feira, 15, pelas 20 horas, deveis comparecer todos, sócios e não sócios, na assembleia magna para apreciarmos a situação e adoptarmos meios de defesa. Da vossa compaixão depende a salvaguarda do pão dos vossos filhos!

Todos à sessão!

Os baldios de Tolosa

Algumas considerações à margem

Desde que apareceu na Terra o primeiro criminoso a dizer «este pedaço de terra é meu», o gênero humano sentiu no coração, inconscientemente é verdade, a picada atras da tirania e da crueldade de certos homens astutos e velhos. E foi logo a seguir que outros e outros criminosos, perfilhando o conselho daquele, começaram por fragmentar a terra consoante a sua astúcia e por vezes à mão armada (assim no-lo diz a história de todos os tempos), valendo-se para isso da massa estúpida e amorfa do povo de então, a quem inspiravam sentimentos de terror e a quem diziam que o mundo precisava de ser governado por elas, por serem os mais inteligentes e capazes de dirigir proficientemente os rebanhos humanos.

Estamos no século XX, no chamado século das luzes, e ainda os povos sentem a mesma escravidão, ou antes, que é mais exacto, suportam uma escravidão pior que a que suportavam os povos dos tempos medievais, visto que o homem pôs o homem na duríssima contingência de alugar seus braços mediante miseráveis e vexatórias condições, rebentando de fome se a tal se não sujeitar.

Em todo o caso, para não esmorecermos, conservamos a doce esperança de que os povos despertarão afinal da letargia e do sono da inconsciência em que se deixaram adormecer dezenas e dezenas de séculos, por assim dizer desde a idade da pedra em que o homem era apenas um animal estúpido, um habitante das cavernas negras e humidas, um feio bicho cuja iorna humana seria de horrorizar-nos, em nossos dias...

Actualmente temos, seguramente, uma forma humana mais cativante, sedutora mesmo; mas o coração não é melhor que o coração do homem das épocas distantes, antes pelo contrário os instintos de malvadaria refinaram-se mais e mais no homem do nosso tempo, que quer ser o centro do universo e que não vê mais ninguém além de si...

—Ei sou Eu; tu não existes ou, se existes, nenhum valor tens, não és ninguém—responde-nos o homem dos nossos dias... O seu Eu material venceu, esmagou mesmo o seu Eu espiritual, que devia ser o juiz supremo da sua vida...

Somos pelo comunismo e temos, na verdade, imensa pena de que o povo de Tolosa esteja inclinado a tratar da sua velha causa primando pela divisão dos baldios que lhe legaram em tempos idos. Gostaríamos mais, e bem mais, que o povo de Tolosa, uma vez ganha a sua causa, como é de justiça, preferisse cultivar em comum aquela vastíssima extenção de terra fecunda e arborizada...

O povo seria assim muito mais feliz; viveria, então, aquela vida que jámás viveu, próspera e exuberante; experimentaria os felizes efeitos da solidariedade... «De cada um segundo as suas forças e cada um condonante as suas necessidades». Que belos princípios!

Mas... do mal o menos... Não esqueça o povo de Tolosa as suas justas pretensões e tome conta, ainda que tenha de lutar para submeter os seus alzões, dos seus baldios.

A propósito, numa próximo artigo transcreverá uma notificação enviada ao povo de Tolosa pelo director geral de Agrimensura, procurando, venenosamente, convençer o povo a desistir dos seus justos desejos, alegando, como conclusão do seu triste e infeliz arrasado, que os baldios de Tolosa não eram... baldios!!! Ou o homem é muito tolo e se deixou ceder pela grande comissão de burgueses destas terras que há um ano foram a Lisboa obrigar o ministro da Agricultura a dar o dito por não dito, anulando o despacho que fizera mandando dividir aquele terreno, ou se convenceu da informação estúpida e tendenciosa dada pela Câmara Municipal de Niza e ainda pela Junta de Paróquia de Tolosa, que tentaram e tentam burlar o povo...

Abel PAIVA

AS GREVES

Chacineiras de Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 14.—Continua, sem desfalcamentos, a greve das operárias chacineiras desta localidade. Os industriais ricos prosseguem nos seus miseráveis prósitos, teimando em querer pagar às operárias a irrisória quantia de \$75 cada hora.

Os industriais estão praticando uma grande incerteza, incerteza que só faz aumentar a grande razão que assiste às grevistas. Um desses industriais—o Baralhal—está pagando a algumas amarelas sem competência a quantia de \$120 cada hora. É curioso poderem pagar às amarelas mais do que a quantia que as grevistas reclamam.

O industrial António Barrote e Francisco Relógio, já estão pedindo a quantia que as operárias reclamam. E' curioso que estes dois industriais pobres possam atender as reclamações das grevistas e os outros continuem cincicamente a declarar que não o podem fazer. Mas estamos certos que as grevistas há-de ensinar esses exploradores de mulheres a serem mais comedidos e mais honestos. A não ser que aleguem que a gasolina para os seus automóveis e os perfumes para as suas damas, estão cada vez mais caros, o que não é verdade.

Os industriais estão fazendo lucros fabulosos que se elevam a centenas de contos roubados ao suor das operárias e à economia dos consumidores. Esta ganância é indigna e criminosas. Estes cavalheiros de indústria enviram um ofício às grevistas, cheio de amabilidades hipócritas, insinuando que toda a reportagem que a Batalha tem publicado sobre a greve é mentirosa.

Esses processos não dão resultado. As mulheres sabem perfeitamente que a Batalha, que tem tomado a sua defesa, não faltam à verdade. Quem mente só esses miseráveis industriais-exploradores de mu-

chos. Esses processos não dão resultado. As mulheres sabem perfeitamente que a Batalha, que tem tomado a sua defesa, não faltam à verdade. Quem mente só esses miseráveis industriais-exploradores de mu-

Um "bluff" da polícia que ocasiona a prisão de dois operários municipais

Os operários municipais Manuel dos Santos e Aníbal Augusto Barreiros foram presos, há dias, sob a falsa acusação de comentes no atentado contra a residência do vereador sr. Freire da Cruz. Dizem algumas pessoas, segundo referiam os jornais de ontem, que o primeiro dos presos foi visto no local do atentado, vestido de estudante, indivíduo sobre quem recaem as suspeitas de autor do atentado. A suposição é infantil. Manuel dos Santos não tem estatura do suposto estudante que uma senhora, num quarto andar, viu fugir a uma distância grande. Não é verosímil o depoimento dessa senhora. Quando muito ela veria a luar correndo e não o pseudo estudante, pois a distância que vai da janela onde estava ao sitio onde se escapuliu o fugitivo, com a escuridão da noite, não lhe permitiu uma clara observação. Logo, portanto, fáce é o depoimento referido é laborário num erro.

Em segundo lugar Manuel dos Santos é incapaz de praticar o acto de que a polícia o acusa. Não só o afirmamos nós, Dizemos os próprios superiores, sob cuja direcção aquele operário trabalhava no Matadouro Municipal. Num reunião do pessoal daquele estabelecimento, à qual assistiu o pessoal superior, foi largamente apreciada a prisão de Manuel dos Santos e reputada a acusação que sobre ele pesa. Depois de larga discussão foi aprovada esta moção:

«O pessoal dos Matadouros Municipais de Lisboa, reunido em sessão magna no dia 14 de Outubro de 1925, protesta ve-

A TODOS OS ORGANISMOS OPERÁRIOS

O ALMANAQUE DE "A BATALHA"

No próximo mês de Dezembro é posto à venda o Almanaque de A BATALHA para o ano de 1926.

Para tornar tão útil quanto possível esta publicação ao operariado, às direcções dos sindicatos, sejam ou não confederados, e das Federações e Uniões de todo o país, pedimos o favor da informação imediata da sua sede, data da sua fundação e número do telefone, caso tenham, para o que basta preencher o boletim abaixo e enviá-lo depois de preenchido, pelo correio, sobreendereçado ao director do Almanaque de A BATALHA, calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—bastando para isso colar o boletim no verso dum bilhete postal.

Nome do organismo.....

Fundado em.....

Sede.....

Localidade.....

N.º do telefone.....

Contra o assalto à C. G. T.

Vida Sindical

Já não há a mais pequena garantia de segurança pública!

Povo! ¿Já sabes? ¡Estão em perigo, como nunca estiveram, os teus baveres e a vida! ¡Já não há a mais pequena garantia de segurança pública! E não há, porque a própria polícia—essa odiosa corporação que, para maior vergonha dumas instituições intituladas de democráticas, está encarregada de manter a Ordem!—tornou-se o principal elemento fomentador do desordem!

Estando ao serviço de interesses dos individuos sem escrúpulos que misteriosamente pontificam neste desgraçado país—e não ao serviço das instituições vigentes—constitui o maior sobressalto da população, porque pode atentar à vontade, sem que nenhuma lhe leve responsabilidades por isso, contra os direitos constitucionais que garantem à inviolabilidade do domicílio e o respeito pela vida dos cidadãos!

A confirmação do que dizemos está no facto dum bando de facinoras acobertados da capa de impunitudo policiais, terassaltado, canibalisticamente, sem mais nem menos, destruindo mobiliário, rasgando documentos e roubando dinheiro, a sede da Confederação Geral do Trabalho, do seu órgão na imprensa, A Batalha, e de outros organismos operários, por, num direito incontestável que a própria Constituição da República lhes garante, viram, em prol da Emancipação Humana, cometendo o monstruoso crime de defender a Verdade e proclamar a Verdade que tanto incomoda aos sacerdícios a soldo do Capital e do Estado e a todos os que pretendem viver à custa do suor alheio, fazendo-lhes recuar a perda da mangedoura que os faz engordar sem tralharem.

Os inimigos da Humanidade e da Liberdade, não podendo combater por meio da força da Razão e do Direito, porque não está do lado deles o adversário energético, sim, mas leal, combatendo-o por meio da razão e do direito da Fórmula, seguros da sua impunitude!

Como são canalhas e miseráveis!

Nunca os criminosos vulgares e comuns desceram tanto na prática dos seus crimes!

Os bandidos legalizados que, muito odiando os legionários vermelhos—por, segundo eles diziam, estarem fora da lei—os perseguiram ferozmente e deportaram injustamente, sem lhes terem aplicado responsabilidades; os saltadores oficiais que deveriam ser os primeiros a respe